

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO INFANTIL A PARTIR DE MEIOS EDUCOMUNICATIVOS

Leonardo Pereira Tavares¹
Ramon Araújo de Souza²
Jessica Kaori Sasaki³
Marina Magalhães de Moraes⁴

RESUMO

Esse artigo busca compreender, através de análises teóricas, a importância do profissional da Educomunicação no ensino básico infantil. Para tal, foi necessário conhecer as sete áreas de intervenção que contemplam esse campo de estudo e de atuação, desenvolvendo meios educacionais para a formação crítica de crianças, sobretudo no âmbito dos meios de comunicação de massa, em que estas se tornam consumidores inconscientes de produtos que se relacionam aos seus desenhos, programas ou jogos favoritos. Partimos do pressuposto que a infância é o momento ideal para se aprender, uma vez que através da educação a criança poderá ter suas primeiras reflexões sobre sociedade, criando desde cedo indivíduos emancipados.

Palavras-chave: Educação, Comunicação de Massa, Ensino Infantil, Educomunicação.

INTRODUÇÃO

Após a revolução industrial, considera-se que vivenciamos, na contemporaneidade, a era da informação ou era digital, em que a todo o momento milhares de informações são repassadas, alcançando grandes ou pequenas proporções. Dependendo de sua veracidade, o impacto dessas informações pode implicar de forma negativa na formação do indivíduo, acarretando em uma sociedade de consumo alienado.

A mídia tem um papel fundamental na formação desses indivíduos, pois nota-se que a aprendizagem foge dos muros escolares e atinge os diversos meios sociais, sejam eles com fins educativos ou não. Sendo assim, é necessário questionar, interpretar, opinar e buscar caminhos para solucionar essa problemática, evidenciando a importância de estimular diariamente o senso crítico das pessoas para os meios de comunicação de massa, principalmente o das crianças em formação, as quais constituirão uma nova geração.

¹ Graduando do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, leonardoptavares@outlook.com

² Graduando do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, ramonaraju2000@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, jessicakaori@hotmail.com

⁴ Professora orientadora: Doutora em Ciências da Comunicação, Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, marinamagalhaes@msn.com

Nesse sentido, lançamos um olhar para os estudos na área de Educomunicação, no âmbito da mediação do desenvolvimento crítico em crianças em sua fase inicial de descobertas. Levamos em consideração a premissa que é a partir dos três anos de idade que a criança começa a “entender o que é certo e errado e passará a atribuir mais valor à opinião dos outros” (BAULLER, 2019).

Com relação ao processo metodológico, este estudo de natureza teórica-crítica aborda aspectos qualitativos a respeito do objeto em questão, os estudos da Educomunicação. Não traçamos como finalidade obter resultados a partir de análises numéricas quantitativas, mas, sim, oferecer uma revisão de literatura a partir trabalhos bibliográficos elaborados por autores reconhecidos nessa área de estudo.

EDUCOMUNICAÇÃO E O DESPERTAR CRÍTICO

A inter-relação entre a educação e a comunicação pode parecer algo recente, mas é um estudo que vem sendo desenvolvido desde meados do século XX. Nesse campo em franca expansão destacam-se diversos estudiosos, dentre eles autores da América Latina como Paulo Freire, Mario Kaplún, JesúsMartín-Barbero e Ismar Soares (SANTANA; APOLÔNIO, 2010).

A Educomunicação constituiu-se como campo de conhecimento recentemente, com a sistematização das duas áreas de pesquisa: Educação e Comunicação. Entre os anos de 1997 e 1999, Ismar de Oliveira Soares percebe a ligação entre as duas áreas e desenvolve estudos na América Latina e nos Estados Unidos, voltados ao “ensino-aprendizagem no campo da expressividade das novas gerações (*information literacy*) e a denominada educação frente aos meios de comunicação, preocupada com o impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (*media literacy*)” (SOARES, 2002, p.17).

Portanto, percebe-se que a Educomunicação surge para promover “à educação emancipatória, aquela que prepara o sujeito para pensar, desenvolver sua consciência, seu senso crítico” (METZKER, 2008, p.4). Com o passar do tempo, a Educomunicação foi dividida em sete áreas de atuação que, distribuídas, formam um amplo conceito epistemológico.

A área intitulada de “Educação para a Comunicação” se concentra em educar através dos meios comunicativos, tendo em vista a relação entre quem produz e quem recebe as mensagens, podendo assim desenvolver projetos que ajudem na formação de um receptor crítico e autônomo aos meios de comunicação de massa. Para Almeida (2017, p.27) “tamanho

é a dimensão que a mídia ocupa nos processos sociais que se entende que seus conteúdos são importantes componentes culturais e artísticos e necessitam ser analisados”.

A segunda área de intervenção é intitulada de “Expressão Através das Artes”, que teria como propósito comunicar-se com o receptor através das expressões artísticas. Pois, segundo Barbosa (2015), a arte constrói uma sociedade crítica que “abre caminhos para a conscientização social, para a descoberta dos direitos, das obrigações de cada um”.

Por sua vez, a terceira área, “Pedagogia da Comunicação”, concentra-se principalmente em espaços de educação formal, e consiste em desenvolver meios e estratégias que interliguem o docente com seus alunos ou o comunicador ao seu receptor. Essa área também propõe a utilização de recursos que facilitem a comunicação, podendo-se então criar uma troca de aprendizagens, na qual se faz necessário ouvir e conhecer a realidade desses receptores e desenvolver meios educativos a partir de suas realidades. Lígia Almeida (2017, p. 29) esclarece como o pedagogo da comunicação deve se impor:

A pedagogia da comunicação implica também em não fornecer respostas prontas, não impor pontos de vista. Um bom pedagogo da comunicação expõe diversos pontos de vista sobre os assuntos, oferece subsídios para que os sujeitos comparem argumentos contraditórios, reflitam e tirem suas próprias conclusões.

Outra área de grande importância é “Mediação Tecnológica”, que visa aproximar o estudante as tecnologias da informação e comunicação (TIC), ou seja, desenvolver atividades que incluam meios tecnológicos na formação do estudante, tendo uma ampliação dos meios educativos. Segundo Soares (2011, p.48) acredita-se que essa área proporciona “que não apenas dominem o manejo dos novos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das invenções que caracterizam a era da informação”.

A quinta área de intervenção, “Produção Midiática”, propõe desenvolver produtos midiáticos a partir do viés educacional, por meio do qual o criador se preocupa com o receptor e como essa mensagem vai chegar até ele. Desse modo, é importante considerar a cultura local e criar um material que evidencie a educação, seja através de desenhos, filmes, jogos, revistas, novelas etc.

Por outro lado, a sexta área educacional seria a “Epistemologia da Educomunicação”, que busca estudar a Educomunicação inserida no ambiente acadêmico, onde o aluno se torna protagonista dessa pesquisa, gerando conhecimento e dando continuidade aos estudos já realizados sobre a área de estudo.

A última área, “Gestão Comunicativa”, é voltada para o meio administrativo, onde o gestor deve analisar o ambiente de trabalho e solucionar os possíveis erros de comunicação e

relacionamento que a empresa ou ambiente de estudo esteja passando, pois segundo Soares (2011, p. 48):

A área da gestão da comunicação volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, apontando, inclusive, indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais. Converte-se, nesse sentido, numa área central e indispensável, exigindo o aporte de uma especialista, de um “gestor”, enfim. Cabe a este não apenas incentivar os educadores para que façam a melhor opção em termos das áreas de intervenção, mas também de suprir as necessidades do ambiente no que diz respeito aos espaços de convivência e às tecnologias necessárias.

Após essa esquematização das áreas interventivas da Educomunicação, buscou-se estudar a relação entre os meios de comunicação de massa para o desenvolver crítico na criança, pois percebe-se que é na infância onde consegue-se absorver mais informações.

A CRIANÇA E SEU DESENVOLVER CRÍTICO

A partir dos três anos de idade a criança tende a desenvolver a sua jornada com a educação. Dos quatro aos sete anos, tudo que foge do seu conhecimento é formado em dúvida, ingressando assim na conhecida fase dos “por quês”, na qual se sente a necessidade de conhecer e saber o motivo e origem das coisas, sendo uma forma saudável da formação do indivíduo. Assim, nota-se que “a curiosidade prepara o cérebro para a aprendizagem e torna a aprendizagem subsequente mais gratificante” (OLIVEIRA, 2018), tornando-se, então, a base do conhecimento.

Porém, as grandes quantidades de informação que as crianças recebem podem prejudicar no seu desenvolvimento crítico. A realidade atual mostra que desde cedo esses pequenos aprendizes são integrados à tecnologia e aos meios de comunicação de massa como forma de entretenimento, com seus desenhos, livros, músicas, entre outros.

Logo, as manipulações dos meios de comunicação sobre os pais dessas crianças acabam se constituindo como algo corriqueiro. A mídia, que não possui fins educativos, tende a desenvolver propagandas que comercializam produtos vinculados aos desenhos, jogos e programas favoritos, criando nesses pequenos o hábito do consumo inconsciente através dos seus pais. Dessa forma, “sabe-se que é muito mais fácil fixar um hábito durante a infância, já que é nesta fase que a percepção está sendo estruturada, tornando-se também mais difícil modificar algo assimilado nesse período” (HUNTHER, 2009).

Sendo assim, percebe-se a necessidade que a sociedade enfrenta em ter um profissional da Educomunicação na formação do indivíduo, principalmente quando se tratam

de crianças. É na escola que estas começam a ter as suas primeiras experiências com a educação, “pois neste momento elas desenvolverão características, habilidades e aptidões” (DUARTE; BATISTA, 2015). Serão através de atividades pedagógicas que as crianças poderão desenvolver suas primeiras reflexões, tendo incentivos a leituras, aprendendo a estudar vários pontos de vistas e debater sobre eles. Sendo assim:

Faz-se necessário que os profissionais da área da educação se aproximem das questões que se referem às mídias, importantes referências da infância contemporânea, com vistas a ampliar a compreensão sobre as relações estabelecidas entre as crianças e essas novas referências culturais. É partindo desta aproximação às vivências cotidianas das crianças que será possível propor experiências verdadeiramente significativas que ampliem os conhecimentos e desenvolvam as potencialidades infantis (SARTORI et al, 2011, p.6).

Portanto, o profissional da Educomunicação, quando se volta para o público infantil, tem como objetivo educar para os meios de comunicação de massa. Utiliza-se das áreas de intervenção social ao seu favor, tendo em mente que cada indivíduo, seja criança ou não, possui a sua singularidade, fazendo com que a educação e a comunicação caminhem juntas, “pois ela pretende despertar no sujeito o interesse não só por aprender, mas também por participar do processo de aprendizagem”, sendo fundamental para “a construção de conhecimento crítico e participativo” (PRADO et al, 2016, p.91).

Sendo assim, percebe-se que a Educomunicação ultrapassa as dimensões escolares, oferecendo ao indivíduo uma diversidade de possibilidades para a aprendizagem, processo que se desenvolve até consigo mesmo. Segundo Freire (1996), acredita-se que a educação deve partir da relação da troca de informações entre o educador e o educando, num processo em que não só o docente repassa o conteúdo e o aluno recebe passivamente essas informações, tornando uma educação bancária, mas que implica em acolher conhecimento prévio do discente e, a partir disso, voltar-se para uma nova construção de ideias e saberes.

INTERVENÇÃO CRÍTICA A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO

Para a aplicação do conhecimento em sala de aula, faz-se necessário também o uso da epistemologia da Educomunicação, que propicia a construção do conhecimento através do estudo e entendimento da própria Educomunicação. Nesse sentido, a aplicação e o repasse das informações se desenvolvem da maneira dita como educ comunicativa, avaliando e utilizando as demais áreas (ênfatisando a pedagogia da comunicação e produção midiática) para o processo de produção das ideias.

A partir do entendimento da Educomunicação como um caminho de transmissão de conteúdos, serão abordadas algumas áreas de intervenção como mediadora do desenvolver crítico e do ensino inovador, o qual prioriza uma participação ativa de todos os membros em sala de aula, seja aluno ou professor. Com esse objetivo, será retomada e melhor explanada a Pedagogia da Comunicação como vetor do repasse de maneira simplificada e bem elaborada do que será ensinado, junto da comunicação dialógica (método para a abordagem dos conteúdos propostos nas áreas) para uma atuação e debate geral. Por fim, direcionaremos a produção como entretenimento e conhecimento.

Destaca-se como uma forma de ensino pragmático a Pedagogia da Comunicação, já abordada anteriormente. Sendo um método utilizado para o repasse das informações, adequado para os indivíduos em determinado contexto:

Isso implica considerar a Comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico. Enquanto interdisciplina e campo de conhecimento, para a Comunicação Educativa, entendida desse modo, convergem uma leitura da Pedagogia a partir da Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia (KAPLÚN, 1999, p.68).

Sendo assim, a Pedagogia da Comunicação se preocupa em transmitir o conhecimento de maneira clara, simplificando-o e colocando-o no contexto de entendimento dos indivíduos inseridos em determinada realidade. Portanto, a interação entre transmissor e receptor é necessária, além de uma participação nas atividades propostas, usando da comunicação dialógica. Assim, enfatizamos um processo de aprendizagem que não deve ser passivo para o receptor.

Percebe-se, também, que o diálogo é um suporte para a educação. A ideia de professor/mediador como o portador de todo conhecimento, o qual não pode ser questionado, passa a ser desconstruída, adaptando-se e dando espaço a mais interpretações acerca da participação geral.

Por fim, com o auxílio da produção midiática, torna-se possível elaborar diversos conteúdos para serem mostrados como uma forma de ensinar, a exemplo dos vídeos educativos, os quais possuem alguma mensagem de conscientização sobre um determinado assunto (a compreensão sobre o desperdício da água ou desmatamento das florestas, mostrando também soluções para o seu combate, por exemplo) ou podem ser utilizados como transmissores de conteúdos escolares, ensinando matemática, português, biologia, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na formação do sujeito crítico enquanto criança é primordial, pois a partir desta é possível estimular o pensamento crítico desses sujeitos, criando hábitos questionamentos, dúvidas e posicionamentos, favoráveis ou não, a determinados assuntos. Dessa forma, a educação é capaz de potencializar a autonomia dos pensamentos de cada indivíduo.

É notória a existência de um fenômeno de manipulação dos meios de comunicação de massa, principalmente sobre as crianças. Diante disso, a Educomunicação surge para despertar nesses indivíduos o direito de questionarem o que a mídia propaga como verdade ou como representação da realidade.

No cenário acima descrito, a participação do profissional de Educomunicação torna-se fundamental, uma vez que este tem como uma das suas atribuições desenvolver junto à população o despertar crítico para os meios de comunicação de massa, que deve começar a ser trabalhado desde a infância. Oferecer às crianças os estímulos para questionarem e saberem se determinados conteúdos, sejam eles midiáticos ou não, fazem bem para sua formação enquanto cidadãos e consiste num desafio promissor para os educadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: [S.I]. p.27-29, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. Caminhos para a conscientização. **Revista Educação**, São Paulo, Edição. 97, 10 set. 2011. Disponível em: <<https://www.revistaeducacao.com.br/caminhos-para-a-conscientizacao/>>. Acesso em: 04 set. 2019.

BAULLER, Karina. **As 5 Fases do crescimento e desenvolvimento infantil de acordo com a Psicologia**. 2019. Disponível em: <<https://www.bagagemdemaie.com.br/crescimento-e-desenvolvimento-infantil/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

DUARTE, Bruna da Silva; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. DESENVOLVIMENTO INFANTIL: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil. In: XVI SEMANA DA EDUCAÇÃO E VI SIMPÓSIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 16., 2015, Paraná. **Desafios Atuais para a Educação**. Londrina: 2015. p. 292 - 305. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1996. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/143565/mod_resource/content/2/Texto6-Freire-1parte.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

HUNTER, Shirley. **O consumismo inconsciente das crianças**. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/o-consumismo-inconsciente-das-criancas/>>. Acesso em: 08 set. 2019.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, n. 14, p. 68-75, 1999.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social. In: **Revista Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação–XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste–São Paulo–07 a. 2008**.

OLIVEIRA, Ana Clara. **Por que a curiosidade melhora o processo de aprendizagem?** 2018. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/por-que-a-curiosidade-melhora-o-processo-de-aprendizagem/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

PRADO, Ana Lucia Penteado Brandão; MUNGIOLI, Maria Cristina. Educomunicação e mediação escolar: um projeto educacional para a relação criança, desenho animado e consumo. **Comunicação & Educação**, v. 21, n. 2, p. 87-96, 2016.

SANTANA, Everaldo Costa; VITAL, Cleyton Douglas de Apolônio. A educomunicação na produção de conteúdos audiovisuais na formação de jovens. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes sociais de aprendizagens**, v. 3, 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina de; KAMERS, Nelito José. Desenho animado, TV e Youtube: reflexões sobre educomunicação e linguagens. In: **En: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–INTERCOM, Recife/PE. Disponível em** < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0788-1.pdf> > **Consultado**. 2011. p. 33-48.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 16-25, 2002.